



Material de construção na frente dos novos barracos da quadra 44, no Guará, onde invasores chegam todos os dias e dividem espaço com moradores do lote regularizados

# Um barraco novo a cada dia

*O Guará é o paraíso dos invasores. A Administração Regional promete tirar todos, mas deixa crescer a desordem*

Cristina Ávila  
Da equipe do **Correio**

**B**arracos de papelão, pedaços de madeira velha, alvenaria, barracas de acampamento aparecem quase todos os dias no Guará II. A cidade incha. As pessoas escondem-se nos matos. Ou constroem sem medo no meio das quadras, rodeadas por vizinhos que vivem em áreas regulares. Há novos casebres próximos às quadras QE 38, 42, 44 e 46.

"Invasor é tudo igual. A gente constrói mesmo. Todo mundo faz isso, com liminar ou sem", afirma uma mulher na QE 44. Ela refere-se às decisões judiciais provisórias que impedem derrubadas de barracos e, geralmente, proíbem novas obras. Mas a maioria dos invasores não respeita.

Assim, as invasões crescem.

Levanta-se uma tábua. Depois outra. Se a administração pública não derruba, logo surgem tijolos.

A permanência de um barraco incentiva a construção de mais um. A pobreza dá coragem a uns, a ganância dá ousadia aos especuladores. E a desorganização aumenta.

Os invasores da QE 44 são arredios. Não gostam de se identificar. Mas uma jovem de 22 anos, que diz se chamar Tânia, faz um comentário rápido. "Fui uma das primeiras pessoas a invadir aqui. Fiquei grávida, meu marido estava desempregado e não podemos pagar aluguel. Meu filho vai nascer aqui" — sorri, mostrando a grande barriga, que cresceu na invasão. "Acho que já encontrei umas três derrubadas nessa quadra."

A QE 44 foi invadida em 14 de fevereiro. O Sistema Integrado de

Vigilância do Solo (SivSolo) chegou a derrubar 14 casebres, mas outros foram protegidos por liminares da Justiça. Alguns barracos — que não chegavam a quatro metros quadrados — foram construídos em menos de um dia. O povo levou cama, fogão e entrou nas casas, impedindo a derrubada.

Segundo pessoas ligadas à saúde no Guará, o número de invasores é tão grande que chega a afetar o atendimento médico. "Todos os dias chega mais gente, principalmente na QE 38", afirma uma enfermeira. "A gente não dá conta de atender a todos." Os próprios invasores afirmam que existe muita gente nova na quadra 44.

Ao lado da QE 46, em um mato de pinheiros que acaba em um bosque de eucaliptos atrás da rodoviária do Guará II, entre 30 e 40 barracos estão enfileirados, formando uma vila. A invasão começou no início do ano e continua aumentando.

"A maioria dessa gente vem de outros lugares, fora de Brasília. E tá chegando agora. Muita gente

nova", diz Pedro Cardoso, 29 anos. Ele diz que está há quatro meses na invasão. "Estava procurando lugar, e encostei nos barracos."

Pedro Cardoso diz que veio de Jacobina, na Bahia. Com a mulher e cinco filhos. O mais velho tem cinco anos; o mais moço, sete meses. "Eu ganhava R\$ 7 por semana lá. Aqui, ganho R\$ 100 por semana. Já comprei cama, fogão. Ganhei roupa e comida. Tá muito bom, graças a Deus."

Dona Estelita da Silva, 52, vizinha de Pedro Cardoso, diz que é analfabeta e está na invasão para que a filha estude no Centro de Ensino 10. Maiara faz a sexta série e tem 16 anos. "É boa aluna, mas chora de medo que nos expulsem daqui. A gente recebeu notificação de despejo há um mês, mas depois os fiscais não voltaram mais."

Embora esteja no Distrito Federal há seis anos, diz que está

na invasão há três meses. A cunhada reclama. "Claro que não, já faz seis meses, mulher." Estelita remenda. "É mesmo, o tempo passa rápido."

Os invasores têm o hábito de aumentar a conta do tempo de residência nos barracos. Acreditam que assim tenham direito a ficar. Mas o administrador Regional do Guará, Divino dos Santos, não está interessado em números, alguns meses de diferença de moradia



não importa. "Estamos convençendo-os a voltar para sua terra de origem. Não sei quantos eles são, não vou fazer estatística. Com números eu estaria oficializando as invasões. Mas, se for preciso vamos retirar todos, sem traumas. Já retiramos uns 50 ou 60 barracos. Os invasores terão que prestar contas. Mais cedo ou mais tarde. A hora deles vai chegar", avisa.